

educação

EM MEIO À CRISE DA COVID-19, MÉDICOS E ENFERMEIROS HABILITADOS EM TERAPIA INTENSIVA FAZEM MUITA DIFERENÇA

Ajuda especializada

A grande demanda por leitos de terapia intensiva durante o pico da pandemia do novo coronavírus evidenciou a carência de especialistas fundamentais no tratamento de doentes críticos em geral: médicos e enfermeiros intensivistas. Ainda que houvesse leito e respirador disponíveis, sem mão de obra especializada em entubação orotraqueal, ventilação mecânica e manobras necessárias à manutenção da vida, nem sempre foi possível prestar toda a assistência a quem precisou. Essa situação foi vivenciada principalmente nos hospitais que ficaram dedicados ao tratamento de pessoas infectadas pela Covid-19. O INCA chegou a internar 181 pacientes oncológicos que se infectaram com o novo coronavírus. Desses, 32 (17,7%) precisaram de leitos de terapia intensiva. Duas das razões para o reduzido número de especialistas são a baixa oferta de vagas e as singularidades da formação: são quatro anos no programa de especialização ou é exigida uma especialização anterior (para as residências).

Para se tornar médico intensivista, existem duas vias: os programas de Residência Médica credenciados pelo Ministério da Educação (MEC) e o Programa de Especialização em Medicina Intensiva (Pemi), oferecido em centros credenciados pela Associação de Medicina Intensiva Brasileira (Amib) em todo o Brasil. Os especialistas que concluem um dos dois programas podem obter o respectivo título no Conselho Regional de Medicina (CRM) imediatamente após o término da residência ou depois da aprovação na prova da Amib/Associação Médica Brasileira.



O INCA é uma das instituições que oferece residência em Medicina Intensiva. O coordenador do curso, André Albuquerque, destaca como diferencial a experiência da equipe. “Além de ser um hospital oncológico, todos os médicos, sejam os da rotina ou os plantonistas, são especialistas em terapia intensiva e muitos plantonistas trabalham na rotina de CTIs [Centros de Terapia Intensiva] de hospitais privados. Isso garante ao residente o suporte de um especialista 24 horas por dia, sete dias por semana, o que não é uma realidade em muitos CTIs do Rio de Janeiro”.

Para Albuquerque, outro fator que enriquece o aprendizado dos residentes intensivistas do INCA é que a instituição tem uma gama de pacientes e casos que consegue abranger, senão todas, grande parte da atuação em Medicina Intensiva, com seus desafios de tratamento.

“Além de ser um hospital oncológico, todos os médicos, sejam os da rotina ou os plantonistas, são especialistas em terapia intensiva [...]. Isso garante ao residente o suporte de um especialista 24 horas por dia, sete dias por semana, o que não é uma realidade em muitos CTIs do Rio de Janeiro”

ANDRÉ ALBUQUERQUE, coordenador da residência em Medicina Intensiva do INCA



VISÃO INTEGRAL

Segundo Andréa Remígio de Oliveira Leite, que coordena a residência em Medicina Intensiva do A. C. Camargo Cancer Center, em São Paulo, é elevada a demanda por esse profissional. “Muitos especialistas de outras áreas estão fazendo plantões nas unidades de terapia intensiva por falta de mão de obra específica. Mas a tendência é que, com a formação de novos intensivistas, essas vagas sejam preenchidas por especialistas, que têm a visão integral do paciente”.

De acordo com a coordenadora, a pandemia exigiu muito desses residentes quanto a conhecimentos relacionados à insuficiência respiratória, manuseio da ventilação mecânica e à condução do paciente crítico com disfunção de múltiplos órgãos. “O ambiente de uma unidade de terapia intensiva exige dos profissionais espírito de equipe, já que o trabalho é multidisciplinar, e o entrosamento é imprescindível para o êxito do tratamento. Além disso, é preciso ter controle emocional e familiaridade com novas tecnologias”, observa Andréa.

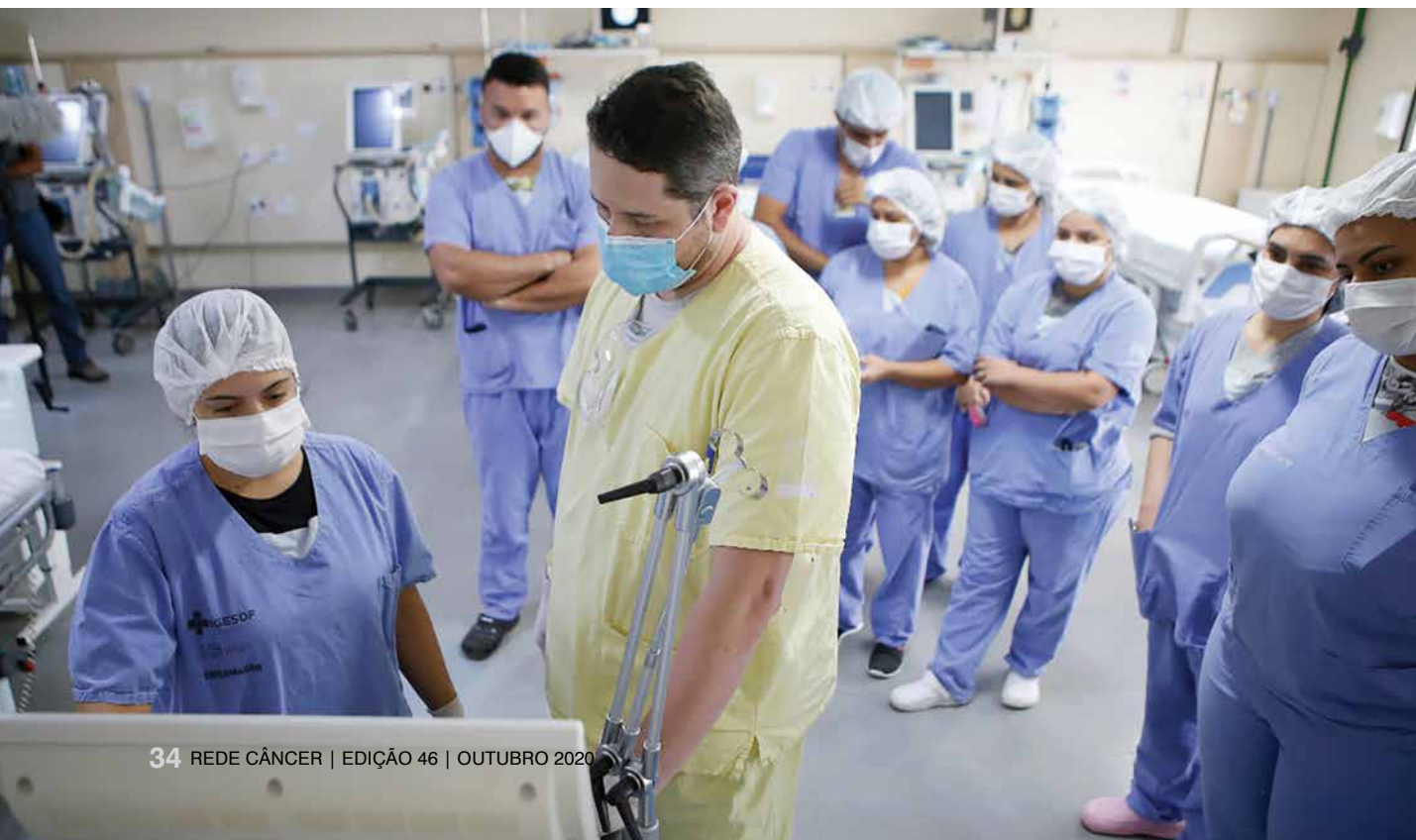
Desde março deste ano, o Programa de Especialização em Medicina Intensiva passou a adotar apenas o acesso direto - basta ter concluído a graduação e cursar a formação específica. Anteriormente, havia a opção de cumprir o pré-requisito de já ter uma especialização ou residência prévias, concluindo o programa em dois anos. O

Hospital São Domingos, em São Luís (MA), é um dos que oferecem o Pemi em parceria com a Amib. De acordo com o coordenador, Rodrigo Azevedo, a demanda por esses especialistas ainda é muito maior do que o número de formados.

PRÁTICA E EVIDÊNCIAS

Integrando as equipes nas UTIs estão os enfermeiros intensivistas. Em São Paulo, a Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein oferece a Residência Multiprofissional em Terapia Intensiva para Enfermeiros. Flávia Manfredi, tutora da residência, afirma que para se tornar um enfermeiro intensivista é imprescindível ter empatia, ser atento aos detalhes, saber se comunicar de forma clara com os pacientes e familiares, ter inteligência emocional e trabalhar bem em equipe.

No eixo transversal do curso (comum às demais graduações incluídas neste perfil multiprofissional), há disciplinas como Segurança do Paciente, Ética em Saúde, Trabalho em Equipe e Comunicação, Políticas Públicas e SUS, Processo de Trabalho Multidisciplinar, Epidemiologia, Gerenciamento Aplicado à Saúde, entre outras. No eixo profissional, o residente é apresentado a tópicos como avaliação de enfermagem aplicada ao paciente na terapia intensiva, assistência de enfermagem em cuidados intensivos, gestão e bioética e metodologia científica.





“

O que mais me agrada na especialidade é a possibilidade de modificar o curso de doenças graves. O INCA me atraiu por ser um local de excelência, com uma visão integrada de assistência, ensino e pesquisa. O corpo clínico da Terapia Intensiva conta com muitos profissionais de referência. Outro diferencial é a possibilidade de ser treinado no atendimento ao paciente grave oncológico e no pós-operatório de cirurgias complexas. Também pude vivenciar a integração do cuidado paliativo ao cuidado do paciente no CTI. O intensivista precisa ter formação abrangente, pois o domínio do cuidado ao paciente crítico envolve desde procedimentos invasivos, como intubação orotraqueal, acesso venoso profundo e drenagem de tórax,

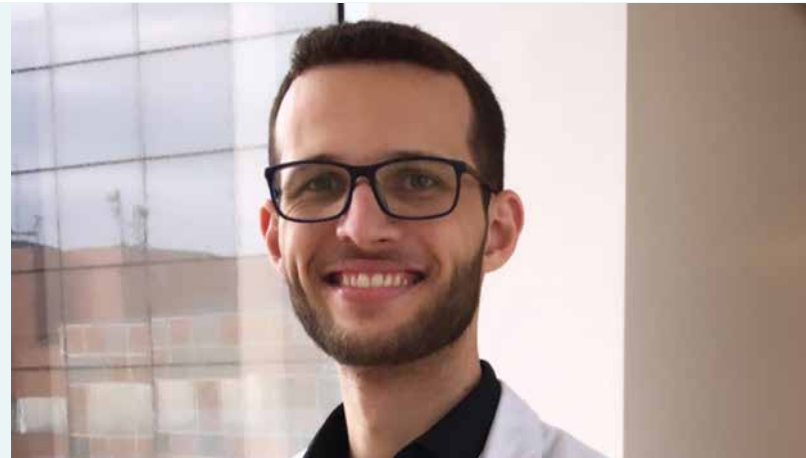
e conhecimentos de sedação e analgesia, monitorização hemodinâmica, ventilação mecânica, hemodiálise e tratamento e prevenção de infecções. Também precisa ter avidez pelo trabalho em equipe, liderar o grupo multidisciplinar e ter conhecimentos em gerenciamento de recursos humanos.

Recebi treinamento para dar notícias difíceis, acolher famílias em momentos de estresse e fragilidade, e aprendi que apesar de a Medicina Intensiva ser uma especialidade caracterizada por incorporação frequente de tecnologias, medicamentos e equipamentos, o trabalho humano é fundamental. O intensivista tem o papel de liderar a equipe no uso correto e racional do suporte tecnológico disponível para salvar o maior número de vidas possível e, ao mesmo tempo, não postergar desnecessariamente a morte.”

TULIO POSSATI, 32 anos, médico carioca formado em 2011. Ingressou na residência em Medicina Intensiva do INCA em 2015, após concluir a residência em Clínica Médica. Atualmente, é coordenador de cuidados intensivos e semi-intensivos do Hospital Universitário Antônio Pedro, da Universidade Federal Fluminense, e médico de rotina na UTI de um hospital particular.

“

“O caminho que me levou à Residência Multiprofissional em Terapia Intensiva passou pela minha atuação na Liga de Transplante de Órgãos e Tecidos. Lá, me deparei com um cenário no qual o paciente, desde a indicação do transplante até o pós-operatório, era de alto risco. Essa vivência, somada ao estágio em unidades de Terapia Intensiva Coronariana e Geral, foi determinante para minha escolha. A imprevisibilidade do dia a dia também pesou. Não existem rotinas dentro de uma UTI; trabalhamos dentro de uma caixa de surpresas. Inicialmente, minha ideia era fazer mestrado. Mas depois de diversas conversas com docentes muito experientes, optei pela residência. O [Hospital Israelita] Albert Einstein foi responsável pelo diagnóstico do primeiro caso de Covid-19 no Brasil. Eu estava presente quando admitimos o primeiro paciente grave. Num curto espaço de tempo, vimos todos os leitos de UTI serem ocupados por pacientes extremamente instáveis. A Covid-19 tem deixado grandes lições, sobretudo a de que ninguém faz nada sozinho em se tratando de cuidado. Penso que o entendimento e a real importância do trabalho em equipe ficaram escancarados.



A presença de enfermeiros, fisioterapeutas, farmacêuticos clínicos, médicos, fonoaudiólogos, todos com os mesmos objetivos e foco, demonstrou-se como algo capaz de mudar paradigmas.”

JOÃO PAULO VICTORINO, 25 anos, enfermeiro natural de Ribeirão Preto. Mudou-se recentemente para São Paulo para fazer residência multiprofissional em Terapia Intensiva no Hospital Israelita Albert Einstein.

Além da capacitação técnica

Não basta conhecimento técnico para ser um bom intensivista. Para André Albuquerque, do INCA, é importante que o residente saiba trabalhar em equipe. “O time estando com o mesmo foco é o que vai fazer a diferença na hora de reverter um quadro e tirar o paciente vivo do CTI. Ser um bom gerente de conflitos e de recursos humanos também é fundamental.”

Rodrigo Azevedo, do Hospital São Domingos, acrescenta que é essencial esse profissional se comunicar bem. “Não adianta ser excelente só na parte técnica; se ele não for capaz de conversar adequadamente com os familiares do paciente, ele não será um profissional completo”, pondera. Azevedo reforça que é uma especialidade que exige tomada de decisões rápidas e assertivas. “É preciso entender que quando

você trata um paciente grave, você também está cuidando da família dele. O médico precisa passar segurança nesse momento de incerteza. Tudo isso é desejável no perfil de um médico intensivista.”

Para Andréa Leite, do A.C. Camargo Cancer Center, o profissional precisa aprender a olhar o paciente como um todo, conhecer seus valores e entender o contexto familiar dele. “O intensivista tem que perder a ilusão de que nosso objetivo, como médicos, é curar. Nosso objetivo é estar presente, é aliviar sintomas, é confortar”, opina a médica. Ela alerta que o profissional dessa especialidade necessita estar atento, sabendo que cada intervenção invasiva tem um preço. “É isso que se aprende na terapia intensiva, a ter calma e conhecimento para intervir quando necessário.”

Serviço

Residência em Medicina Intensiva

INCA (RJ)

São oferecidas duas vagas por ano. Pré-requisito: residência médica em Anestesiologia, Cirurgia Geral, Clínica Médica, Infectologia ou Neurologia. Duração: dois anos. Carga horária: 5.760 horas. A seleção é feita por prova teórica. Previsão de abertura de inscrições para o próximo período letivo: outubro. Mais informações no portal do INCA (<https://www.inca.gov.br>).

A.C. Camargo Cancer Center (SP)

São oferecidas duas vagas por ano. Pré-requisito: residência médica em Clínica Médica, Cirurgia ou Anestesiologia. Duração: dois anos. Carga horária: 60 horas semanais. A seleção é por prova objetiva, com 100 questões. Até o fechamento desta edição (agosto), não havia previsão de lançamento do próximo edital.

Programa de Especialização em Medicina Intensiva

Hospital São Domingos (MA)

Anualmente, são oferecidas três vagas. Duração: quatro anos. Carga horária: 60 horas semanais. A seleção é por concurso, com prova teórica e prova oral em língua inglesa. Inscrições abertas a partir de outubro. Prova prevista para janeiro de 2021.

Residência Multiprofissional em Terapia Intensiva

Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein (SP)

São oferecidas quatro vagas por ano. Duração: dois anos. Carga horária: 5.760 horas. O processo seletivo inclui três etapas: prova teórica, exame prático e entrevista, com análise de currículo. O curso tem 20% de abordagem teórica e 80% de atividades práticas. As inscrições ficam abertas de setembro a novembro. A prova teórica será em 20 de dezembro, e a entrevista, em janeiro de 2021.